



OLHANDO PARA TRÁS E ADIANTE: UMA PRIMEIRA VISITA (DE MUITAS?) AO BRASIL

INTERNACIONALIZAÇÃO

Universidades são centros de colaboração internacional. Almejar e sustentar uma excelência em pesquisa e ensino envolvem parcerias e cooperações, e a vontade de desenvolver alianças internacionais é uma parte muito importante desse processo. Em fevereiro deste ano, tive o privilégio de ir, como Professor Visitante, à Faculdade de Farmácia, Enfermagem e Odontologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), e após essa visita, minha própria universidade (Dundee na Escócia) e a UFC planejam assinar um convênio que irá reafirmar os vínculos entre essas duas instituições. Este texto descreve algumas das minhas experiências durante a visita à UFC, e discute como a *University of Dundee* e a UFC planejam desenvolver parcerias para o futuro, o que inclui um período formal como Professor Visitante na UFC.

Universidades buscam desenvolver vínculos sustentáveis, assim como esse, de modo a atrair estudantes e profissionais de alto nível, e como forma de apresentar ao restante do mundo o que eles fazem. O processo e os benefícios funcionam nos dois sentidos: cada instituição parceira deve se beneficiar da troca de ideias e competências. Além disso, programas educacionais ministrados por profissionais com experiência internacional contribuem para preparar os estudantes para trabalhar em um mundo cada vez mais globalizado. Parcerias internacionais também promovem excelência em pesquisa, ao maximizar a capacidade e os recursos para criar massa crítica, através da disseminação de conhecimento recém-produzido. Tais parcerias podem operar em diversos níveis, envolvendo profissionais de diferentes departamentos ou faculdades. No meu caso, a parceria surgiu do compartilhamento de um novo instrumento de avaliação de qualidade de vida, originalmente desenvolvido na Escócia, e sua tradução e uso no Brasil. O plano para esta parceria gira em torno de pesquisa conjunta, supervisão de doutorado e um pouco de ensino. Outras parcerias terão suas próprias necessidades e, assim, irão desenvolver suas próprias características.

Quais são, então, alguns dos desafios para o planejamento de tais acordos?

IDIOMA

Talvez o problema mais evidente seja o idioma. Durante minha visita à Fortaleza, estive completamente dependente de outras pessoas que falassem inglês comigo, uma vez que não falo nada em português. Uma vaga lembrança do espanhol me ajudou a ler placas, mas não a entender o português falado. O pequeno dicionário de expressões básicas que levei comigo ajudou um pouco. Todavia, parcerias sustentáveis irão precisar de muito investimento neste ponto. Para minhas aulas, tínhamos um professor intérprete que fez um excelente trabalho, mas mesmo assim, houve momentos em que surgiram dificuldades causadas por diferenças culturais: quando eu falei de

“midwives”, eu me referia às “parteiras” trabalhando na Escócia e no Reino Unido. “Parteira” é a tradução literal, mas o sentido da palavra expressa um significado diferente, pois a tradição de “parteira” no Brasil não é a mesma que na Escócia.

O problema do idioma também irá afetar a forma de conduzir a supervisão a estudantes de doutorado.

SUPERVISÃO DE DOUTORADO

O instrumento de avaliação de qualidade de vida que desenvolvemos na Escócia foi utilizado por uma estudante de mestrado na UFC, agora selecionada para o seu doutorado. Examinei a sua dissertação em versão traduzida por profissional, certamente uma alternativa muito cara para se aplicar a vários capítulos de tese que precisarem de revisões e comentários.

O idioma é apenas um dos problemas que precisam ser abordados ao planejar a supervisão de doutorado, também é essencial negociar um acordo comum sobre o que é esperado ou requerido no início do processo. Até mesmo dentro de uma mesma instituição (para não falar do mesmo país) há diferentes variações na prática, como a frequência com que os encontros devem acontecer, e de que forma; com que assiduidade rascunhos de produção escrita devem ser produzidos e comentados, entre outros. Quanto à supervisão conjunta, é necessária clareza na abordagem. Isso é importante, especialmente quando os supervisores trabalham para universidades diferentes, uma vez que os regulamentos variam. O problema do idioma adiciona uma nova camada de complexidade. É essencial que a quantidade de trabalho esperada de cada participante seja compreendida, sendo responsabilidade de seu empregador; empregados não podem aceitar, de forma plena, acordos sem prazo limitado com outras instituições. Através do *skype* e de outras facilidades da internet, muito trabalho pode ser feito à distância, todavia encontros presenciais também serão, evidentemente, necessários. Surge então a questão da viagem.

VIAGEM E DINHEIRO

Como diz o ditado: “Viajar abre a mente”, e foi um grande privilégio ser convidado ao Brasil para compartilhar conhecimento e experiência. Obviamente, viajar envolve dinheiro e também leva tempo. Quanto tempo um profissional universitário consegue dedicar ao trabalho em outra universidade? Como verificado, os benefícios de acordos de parcerias internacionais devem ser aproveitados por todas as partes, contudo há problemas práticos a serem negociados, pelo menos no caso de Brasil e Escócia, cuja distância é muito grande e a viagem nem sempre é direta (eu tomei três voos na minha viagem de 27h de volta para casa). Logo, deve-se considerar o financiamento generoso da CAPES cobre os custos com voos e acomodações, bem como o tempo dos profissionais.

Viajar é um processo de dois sentidos: uma das virtudes do programa da CAPES é que ele vai financiar as visitas de profissionais e estudantes brasileiros a outros países. Isso inclui o Programa de Doutorado Sanduíche, por meio dos quais diversos meses no segundo ano de estudo podem ser passados na instituição parceira, que deveria (se necessário) fornecer suporte linguístico como parte do acordo. Essas visitas também devem encorajar a troca de ideias de pesquisa, com visitantes capazes de fazer contato com diversas pessoas da instituição anfitriã. Fico feliz em relatar que, com a *University of Dundee* recebendo um estudante de graduação em enfermagem no ano passado, o modelo já se mostrou eficiente.

CONCLUSÃO

Como relato pessoal, este breve texto discutiu algumas das questões relevantes acerca da criação de acordos de parcerias internacionais. Este pode não fornecer respostas para outras questões, uma vez que cada acordo tem seus próprios requerimentos, mas pode ajudar a destacar algumas das questões que precisam ser discutidas.

Valorizei enormemente minha visita de duas semanas a Fortaleza-CE, Brasil. Estou ansioso por futuras visitas e para receber profissionais e estudantes da UFC em Dundee. Esse tipo de colaboração oferece grande potencial para o compartilhamento de conhecimento e compreensão e, aos nossos estudantes, uma rica experiência educacional. Gostaria de agradecer a todos os profissionais da UFC por me receberem tão bem, e ao CAPES pelo financiamento que viabilizou a visita. Estou certo de que iremos desenvolver uma parceria formal entre as duas universidades para criar uma relação sustentável e rentável.

Andrew Symon

Professor da *University of Dundee*